

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Atikum 18

Data: 01/05/92

Pg.: \_\_\_\_\_

### Assassínio do chefe da tribo ainda é mistério

Um dos mais polêmicos casos de violência envolvendo índios da tribo Atikum permanece até hoje sem solução. No final de dezembro de 1990, o então cacique, Abdon Leonardo da Silva, 29 anos, e seu irmão, Abdias João da Silva, 25, foram assassinados, numa emboscada previamente armada, quando retornavam à tribo. A única testemunha do crime, mãe dos índios, Adelaide da Conceição, apontou como responsáveis Raimundo Cirilo e Cícero Manoel da Silva, filhos de Manoel Cirilo, identificado como fazendeiro da região. Naquele mesmo ano Manoel Cirilo foi preso por causa de uma plantação de 6.500 pés de maconha, denunciada por Abdon.

Adelaide da Conceição já não reside na tribo Atikum. De acordo com relatos de alguns índios — que pediram para não ser identificados por questão de segurança — depois que ela denunciou à Polícia os assassinos dos seus filhos, e o

envolvimento de Manoel Cirilo no crime, a família foi obrigada a fugir da Serra de Umã por causa de ameaças de morte. Entre os atikuns o assunto é ainda um tabu e são poucos os que o lembram. A região onde vivem é reconhecida pela Funai como sendo de "extrema violência".

**Briga de poder** — Segundo reportagens da época da morte dos irmãos Abdon e Abdias, os problemas entre a família Cirilo e o cacique xucuru tinham como pano de fundo a briga pelo domínio político e fundiário na área indígena. Pelo o que ficou registrado, Manoel Cirilo, que se diz índio e na época era funcionário do posto da Funai daquela reserva, não concordava com a possibilidade de Abdon se transformar em cacique dos atikuns. Adelaide da Conceição, e outros índios, em entrevistas aos jornais, garantiram que Cirilo dominava o posto da Funai, com a ajuda do chefe da época.

### Acordo entre dois grupos permite a eleição do cacique

Acordo entre o grupo que apoiava Manoel Cirilo e Abdon — que contava com o apoio da maioria dos índios — permitiu que uma "eleição" para a escolha do cacique fosse realizada. Na disputa além de Abdon, concorreu ao cargo Elsonário da Silva — genro de Manoel Cirilo e atual cacique dos xucurus. No resultado da eleição daquele ano, no entanto, Abdon saiu vencedor com larga vantagem.

Já na função de cacique, Abdon inicia uma série de ações, que tinha como objetivo reduzir a interferência de fazendeiros brancos da região dentro da área indígena. Em 1989 denuncia à Polícia Federal plantação de maconha em terras dos atikuns. Em outubro do ano seguinte, Manoel Cirilo foi preso. A detenção, no entanto, só durou vinte dias porque advogados — segundo informações da própria Funai — conseguiram um habeas corpus. Livre da prisão, Manoel Cirilo começou a ameaçar de morte o cacique Abdon.

**Irregularidades** — Diante da insegurança que corria, Abdon pediu ajuda à Funai, informando que estaria correndo risco de vida. Nenhum esquema de proteção foi acionado pela instituição. Ainda naquela época, Abdon estava fazendo uma série de denúncias envolvendo em irregularidades o chefe do posto da Funai, Eugênio Quixabeira Bastos e o administrador regional da fundação, Petrónio Machado — que ainda responde pela regional de Garanhuns. Em relação a Manoel Cirilo, o cacique garantia também que o mesmo — com poder dentro da reserva por ser funcionário da Funai — distribuía carteiros de índios entre brancos posseiros.

Abdon Leonardo da Silva teve que sair diversas vezes da tribo por causa das ameaças de morte que vinha sofrendo. Sem apoio, preferiu apostar na sorte e permaneceu depois por longo período entre os atikuns. Morreu quando retornava de Carnaubeira da Penha, distrito de Floresta a oito quilômetros da tribo indígena. O inquérito policial que apura o caso foi concluído e enviado à Justiça. O juiz de Floresta decretou a prisão preventiva dos envolvidos, mas esses encontraram-se foragidos.

Manoel Cirilo é tido como homem violento que já mandou retirar uma pessoa presa na delegacia de Floresta para depois matá-la, segundo reportagens da época do crime de Abdon. Possui inúmeras esposas e filhos que permanecem naquela região. De acordo com a Funai ele é um índio mas, segundo informações colhidas pela Polícia na época, vive em Carnaubeira da Penha. Alguns índios asseguraram à reportagem que não é difícil encontrá-lo por lá. Está sempre circulando entre o distrito e serra de Umã, garantem.



O pajé Augusto Oliveira é negro



O velho pajé Alcino Rodrigues